

MULHERES NEGRAS ESCRITORAS DO FUTURO: RESISTÊNCIA E TRANSBORDAMENTO, INSUBORDINAÇÃO E INSURGÊNCIA

Bianca Santana¹ – Universidade de São Paulo

Resumo:

A escrita das mulheres negras permite conhecer perspectivas variadas da história e vislumbrar possibilidades de futuro. O texto busca chamar a atenção para o viés eurocêntrico de muito do que é considerado conhecimento. A partir de um mito iorubá, algumas perguntas são levantadas. Depois, a carta escrita por Esperança Garcia, ainda no século 18, serve como disparador para a reprodução de pequenos fragmentos narrativos produzidos por mulheres negras em uma oficina de escrita.

Palavras-chave: mulheres negras; escrita; narrativa; escrevivência; resistência.

Abstract:

Black women writing opens a path to the knowledge of other perspectives of history and to the glimpse of future possibilities. The text seeks to draw attention to the Eurocentric bias of much of what is considered knowledge. From a Yoruba myth, some questions are raised. Then, the letter written by Esperança Garcia in the 18th century serves as a trigger for the reproduction of small narrative fragments produced by black women in a writing workshop.

Keywords: black women; writing; narrative; resistance.

1. Introdução

“Vozes e histórias que resistem e transbordam” foi o título do debate de que participei no Edicc 2018. Resistir, ferro de Ogum. Transbordar, volúpia aquosa de Oxum. Questão de referência. Quando Ogum se cansou da forja e decidiu se embrenhar no mato, deixando orixás e a humanidade sem instrumentos para a caça, a pesca, a agricultura, a guerra, todos os orixás masculinos tentaram trazer Ogum de volta, mas nada convencia o guerreiro. Até que uma moça bonita, redonda, de pele preta, cheia de encantos foi para o mato também. Chegou perto o bastante para ser vista, e com mel, véus, dança, astúcia foi trazendo Ogum, enfeitado, sem que ele percebesse que estava de volta à cidade. Com a euforia da comemoração por ter voltado, afinal, a fome já assolava todos os cantos, Ogum baixou a guarda, dissimulado: “percebi que era mesmo importante que eu voltasse”. Oxum riu de canto de lábio.

¹ Jornalista, mestre em Educação (USP) e doutoranda em Ciência da Informação (USP). É colunista da revista Cult e uma das fundadoras da Casa de Cultura Digital e da Casa de Lua Organização Feminista. Oferece cursos sobre escrita autobiográfica. Autora dos livros ‘Quando me descobri negra’ (Sesi-SP) e ‘Aprender para Contar’ (Hedra Educação). Este texto está baseado na conferência apresentada pela autora na mesa “Divulgação Cultural – vozes e histórias que resistem e transbordam”, na 5ª edição do Edicc.

Uma visão eurocêntrica, colonizada, branca, patriarcal, machista, racista, culpada pode perceber problemas morais variados na tática de Oxum. Como filha de Iabá, rio alto. A perspectiva aqui é outra. Mas quando ouvimos sobre resistência e transbordamento na universidade, quando lemos sobre resistência e transbordamento em artigos acadêmicos, que perspectiva é apresentada? Adoraria que ressoasse um djembê ou atabaque, em um toque para Exu, antes que a leitura seguisse. Porque é aqui que começa o texto. Laroîê.

Esperança Garcia, em 1770, redigiu, de próprio punho, um documento de denúncia da escravidão e de reivindicação por direitos. Mulher negra, resistiu à naturalização de sua condição de escravizada e transbordou palavras em uma carta endereçada ao então governador do Piauí. Vale lembrar que o primeiro censo do país, de 1872, registrava que 82,3% da população brasileira era analfabeta. Como seria então o século anterior? Quando nem mesmo brancos escravocratas dominavam as letras, Esperança lia, escrevia e manipulava o documento escrito como instrumento de reivindicação política. Refutando o projeto colonial para negras e negros, Esperança ainda compunha família, com marido e filho. Em linguagem atualizada por pesquisadores da Universidade Federal do Piauí, Esperança escreveu:

Eu sou uma escrava de V.S.a administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, aonde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo tão mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho nem, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S. pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V.Sa. sua escrava, Esperança Garcia.

Por que a perspectiva de Esperança não está nas escolas, nos livros, no imaginário que temos sobre o período colonial e sobre as mulheres negras? Por que os textos difundidos deste período foram escritos por homens? Por brancos? De uma perspectiva colonial? E mais: por que, entre 2005 e 2014, 70,6% de quem publicou romances em grandes editoras brasileiras foram homens? E do total de autores e autoras, 97,5% eram brancos? Quem conta nossas histórias de resistência e transbordamento?

Pretendia ainda falar de Maria Firmina dos Reis, Rosa Egipcíaca, Antonieta de Barros, Maria de Lurdes Vale Nascimento, Virgínia Leone Bicudo, Neusa Maria Pereira, Alzira Rufino, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Lúcia Xavier, Jurema Werneck, Esmeralda Ribeiro, Vilma Reis, Nilma Bentes, Conceição Evaristo, Cidinha Silva, Ana Maria Gonçalves — para ficar nas minhas mais velhas —, mas tenho aqui o limite de dez páginas. Conto com o interesse e a sagacidade de quem lê para fugar a isca e aumentar o próprio repertório. Porque ainda não cheguei ao ponto central planejado para este texto: de que todas as mulheres negras escrevem resistência e transbordamento.

Faço tal afirmação com a autoridade de neta de uma preta analfabeta, que narrava no bordado ponto cruz, na manipulação de ervas plantadas na lavanderia de um apartamento de conjunto habitacional, nos causos contados e repetidos no banco de concreto de frente para o campinho. Polu, minha avó, escrevia palavra oral e de linha e agulha. Reitero a certeza de que todas as mulheres negras formulam resistência e transbordamento depois de anos na educação de pessoas jovens e adultas, quando li inúmeras autobiografias de mulheres que diziam não saber nem o bê a bá. E se as vivências não bastarem, posso sacar o diploma de mestra em educação pela Universidade de São Paulo: foi com vó Polu que aprendi a necessidade de ter os documentos todos certinhos para ser respeitada pelos brancos.

Mulheres negras escrevem. Desde pelo menos o século 18, como nos prova Esperança. Mesmo quando não publicadas, têm sua escrita carregada de experiência. E de resistência. E de transbordamento.

Esses dias, lá em casa, uma das raras vezes que converso com a mãe, perguntei: “mãe, aonde foi que a vó inventou o cubre?” Deixa eu dizer, é uma comida que eu saiba foi criada e só existe na família Sabino, minha família por parte de mãe. Bom, depois de minha pergunta, eu e minha mãe começamos a pensar e tentar encontrar uma explicação, cheguei até a pensar que minha vó, sendo a mulher que sempre foi, óbvio que inventava coisas só por inventar. Enquanto o famoso cubre estava no fogo, quase que ao mesmo tempo, mãe e eu dizíamos enquanto o óbvio chegava em nossas mentes: “Ué, cubre é fácil de fazer, basicamente só o fubá, o ovo, um tiquinho de sal e açúcar, uma massa de panqueca melhorada pelos Sabinos, foi feita mesmo pra encher a barriga dos 10 filhos. E dona Maria sempre soube o que inventar e até mesmo sem gostar de cozinhar até hoje o cubre aparece nos pratos lá de casa, fazendo a gente de barriga cheia se lembrar da vó, da mãe, da saudade.

O trecho acima foi escrito no dia 19 de julho de 2017, em uma oficina de escrita para mulheres negras que ministrei na cidade de São Paulo. A oficina “Narrar nossas memórias, ancestralidade e táticas de existência: oficina de escrita autobiográfica para mulheres negras” integrou a programação do #JulhosDasPretas, organizado pela Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. Ao longo do mês de julho de 2017, foram realizadas diversas atividades preparatórias para a Marcha das Mulheres Negras, que aconteceu no 25 de julho: Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha. Fui convidada a propor alguma atividade para a programação pela jornalista Juliana Gonçalves, uma das organizadoras do Núcleo Impulsor da Marcha.

As participantes tinham entre 20 e 62 anos de idade, com uma concentração maior entre mulheres na faixa de 30 a 36 anos, seguidas por mulheres na faixa dos vinte, e com menos mulheres, apenas cinco, acima dos quarenta anos. Das 31 mulheres inscritas para a oficina, cinco eram professoras, quatro estudantes, duas jornalistas, três auxiliares administrativas. As outras profissões mencionadas foram: entrevistadora, pesquisadora, psicóloga, atriz, relações públicas, relações internacionais, assistente social e cantora. O convite destacava: “NÃO HÁ PRÉ-REQUISITOS, TODAS AS MULHERES, EM QUALQUER NÍVEL DE ESCRITA, SÃO BEM-VINDAS COM SEUS SABERES”. Das 31, apenas uma declarou não ter o hábito de escrever; todas as outras mencionaram a escrita de memórias, diários, relatos, questionamentos, relatórios e poesias. Em cerca de três horas de encontro, foram produzidos sessenta textos. Alguns deles serão aqui reproduzidos, com a autorização das autoras, preservando o anonimato.

Um relacionamento abusivo. Ela decidiu dar um basta naquela relação que quase a levou à morte. Ele levou embora o fogão, o botijão de gás e a comida do armário. Só deixou a geladeira vazia. Ela, desempregada e com a filha de 5 anos, levou a criança para a casa de amigas, afinal, a menina não podia ficar sem comer. Pediu dinheiro emprestado e com ele fez mousses para vender na rua. No final de semana conseguiu trazer sua filha de volta para casa. Ela decidiu que seria um novo começo. Não seria novidade para ela.

Durante a oficina, conversamos sobre a *escrita de si* como *cuidado de si*. Se essa pegada interessar, vale ler Foucault e o livro de Margareth Rago que leva o termo “escrita de si” no título. Narrar as próprias experiências seria, para todas nós, uma possibilidade de construção ou reinvenção subjetiva. Conectadas às mulheres negras que vieram antes, à ancestralidade. Mas no texto este não é o ponto central. Aqui, nos interessa

especialmente observar como a escrita de mulheres negras nos permite acessar outra perspectiva da nossa história. As memórias registradas por elas evocam vozes de resistência e transbordamento. Além de revelarem a insubordinação e insurgência contra a ordem vigente.

Dia esperado de pagamento. O banco só no centro da cidade. Passagem contada para uma pessoa. Uma pessoa com dois filhos pequenos. Uma menina e um menino. O sol esquentava o asfalto, fazia os pés das crianças em tênis conga suarem. O primeiro ônibus passa lotado. A mãe ansiosa segurava os filhos pelas mãos. Segundo ônibus, cheio, mas conseguiram que coubessem mais de dez pessoas. A primeira criança mais magrinha passa por debaixo da catraca sem dificuldades. Já o menino maior e robusto ficou vermelho de não conseguir passar o quadril. O ônibus cheio, o cobrador dizendo pra mãe se virar. A mãe suava, suava. Eis que a vizinha na porta que quase não fechava grita:
- Ô comadre, eu tenho um troco aqui.

Além de contar outra perspectiva de quem somos, a escrita insurgente de mulheres negras nos aponta caminhos, possibilidades de futuros. Inventividade e compartilhamento estão no centro das táticas cotidianas de quem viceja mesmo ao ocupar a base da pirâmide social brasileira. O manifesto da Marcha das Mulheres Negras de 2015 explicita que nossa escrevivência, no termo de Conceição Evaristo, está carregada de saberes necessários para superarmos tantas crises, que se agravam a cada dia:

Inspiradas em nossa ancestralidade somos portadoras de um legado que afirma um novo pacto civilizatório. (...) A sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utopia de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os). Na condição de protagonistas oferecemos ao Estado e à sociedade brasileiros nossas experiências como forma de construirmos coletivamente uma outra dinâmica de vida e ação política, que só é possível por meio da superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de discriminação, responsáveis pela negação da humanidade de mulheres e homens negros.

Pela escrita de mulheres negras temos acesso às diferentes formas de solidariedade e senso de comunidade entre essas mulheres.

As crianças todas da rua tínhamos medo da Anastásia. Era escura, suja, meio bêbada, meio louca, falava sozinha, dormia nas ruas e surgia do nada. Teve aquele inverno que fazia frio, muito frio em Bauru. Não é cidade de frio, e ninguém estava preparado, muito menos a Anastácia.

Quando minha mãe chegou da missa, a Anastácia estava dormindo em frente ao bar do meu pai, tentando se aquecer como podia. A mãe entrou, a mãe rezou e saiu. Voltou com a Anastácia: “temos uma hóspede neste inverno”.

Ao resistir e transbordar, a escrita de mulheres negras manifesta a insubordinação e insurgência contra o racismo, o machismo, o patriarcado, o colonialismo, a desigualdade. A escrita de nossas memórias, reivindicações e perspectivas aponta horizontes de igualdade, equidade e harmonia. Não acreditemos no que o colonialismo conta do nosso passado, nem no que aponta como possibilidade. Nós, mulheres negras, nunca pudemos ser reduzidas a escravas. Somos, desde sempre, escritoras.

Referências

ASSIS DUARTE, E.; FONSECA, M.N.S.; DE GODOY, M.C. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CARNEIRO, S.; CURY, C. O poder feminino no culto aos orixás. In: NASCIMENTO, E.L. (Ed.). *Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2008.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.26, p. 13-71, 2005.

MASSUELA, A. “*Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro*”, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>> Acesso em: 09/09/2018.

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RUFINO, A. *Mulher Negra: uma perspectiva histórica*. Santos: Colectivo de Mulheres Negras da Baixada Santista, 1987.

SILVA, L.A.; MOTA, J.M.; OLIVEIRA, M.D.; FRANÇA, J.V. *Carta de esperança Garcia: uma mensagem de coragem, cidadania e ousadia*. 2013. Disponível em: <<http://culturadigital.br/cartaesperancagarcia/>>. Acesso em: 09/09/2018.

WERNECK, J.; FALQUET, J. Ialodês et féministes: réflexions sur l'action politique des femmes noires en Amérique latine et aux Caraïbes. *Nouvelles Questions Féministes*, v. 24, n. 2, p. 33-49, 2005.